

O desafio em ensinar e aprender História: dificuldade dos alunos na leitura e na escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental II

ANDRÉA RIBEIRO DE OLIVEIRA
TAÍSE BATISTA GONÇALVES *

RESUMO

Este trabalho é fruto de algumas reflexões das experiências vividas no Colégio Estadual José Ferreira Pinto, em Feira de Santana-Ba, através do PIBIB (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). As informações aqui apresentadas foram vivenciadas durante um período de quatro meses, no qual foi desenvolvido o método da pesquisa qualitativa, especificamente da observação participante. Através das observações constatou que os alunos que chegam ao 6º ano do Ensino Fundamental II, apresentam grandes dificuldades em ler e escrever. No entanto, os professores de História muitas vezes não sabem lidar com esses problemas. Assim sendo, pretende-se abordar nesse artigo algumas das possíveis causas que podem influenciar tais dificuldades.

Palavras-Chave: Dificuldades. Ler. Escrever.

ABSTRACT

This work is the result of some reflections of life experiences in the State College José Ferreira Pinto in Feira de Santana-BA through PIBIB (Institutional Scholarship Program Initiation to Teaching). The information presented here was experienced during a period of four months, which was developed in the method of qualitative research, specifically participant observation. Through the observations found that students who arrive at 6th grade of elementary school II, have great difficulties in reading and writing. However, the history teachers often do not know how to deal with these problems. Accordingly, it is intended that article address some of the possible causes which can influence such difficulties.

Keywords: Difficulty. Reading. Writing.

INTRODUÇÃO

*Graduandas em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e bolsistas do PIBID/CAPES. Orientador, Doutor Valter Guimarães Soares, professor do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Por muito tempo se pensou a Universidade como lugar de produção do conhecimento e a escola como local de reprodução de conteúdo. Além disso, o ensino de história demorou a ser visto como objeto de pesquisa. Porém, nas últimas décadas vem aumentando as preocupações com a formação do professor e com o ensino de história, o que tem aumentado o número de pesquisas interessadas em discutir sobre esse tema. Segundo Fonseca, entre a década de 1980 até 2002 foram identificados diversos trabalhos relacionados ao ensino de História no Brasil. (FONSECA, 2006: 30).

A partir de então, o ensino de História nas escolas públicas brasileiras tem se tornado foco de discussões e estudo, tanto por conta de suas práticas metodológicas e aperfeiçoamento de materiais didáticos, quanto pela necessidade de aprimoramento da formação dos profissionais da área e de seus currículos.

Nos últimos anos a forma tradicional de ensino centrada na figura do professor como transmissor do conhecimento histórico, a qual delegava ao aluno a posição de receptor passivo dos conteúdos, passou a ser questionada. Com isso, tem-se buscado redefinir não apenas o aspecto seleção e organização dos conteúdos, mas também novas metodologias para trabalhar os conteúdos com eles, que partam da perspectiva do professor e do aluno como sujeitos da História.

Aumentaram-se ainda, as pesquisas em busca de novos recursos didáticos para serem trabalhados nas aulas de história: Histórias em Quadrinhos, o uso das maquetes, teatro, dentre outros, com o propósito de tornar significativas as aulas de história, já que são vistas por muitos alunos da educação básica como “chatas”.

É cabível que se busque novas metodologias sim para trabalhar a construção do conhecimento. No entanto, outro aspecto de grande relevância presente na nossa realidade vem a ser muito mais preocupante do que dinamizar as aulas de história: o baixo nível de leitura e escrita dos alunos. A esse respeito Caimi alerta que

Considerando-se o domínio da leitura e da escrita, elemento fundamental para a aprendizagem de qualquer componente curricular, e especialmente da história, as pesquisas apontam que 22% dos estudantes da 4ª série se encontram praticamente em situação de analfabetismo. (CAIMI: 2006:19).

Esses alunos que integram a 4ª série do ensino fundamental I, logo serão inseridos no ensino fundamental II, e não alcançando o nível de leitura e escrita adequada não será possível uma apreensão do conteúdo satisfatória.

Vê-se então que ensinar história torna-se um desafio cada vez maior, uma vez que esta é uma disciplina que exige domínio de leitura e o aluno não desenvolvendo essa competência torna-se impossível a compreensão de um contexto histórico de forma significativa.

Dessa forma, o presente artigo busca apresentar algumas considerações e conclusões provisórias sobre os desafios no ensino-aprendizagem de história, partindo de uma sondagem diagnóstica realizado na Escola Estadual José Ferreira Pinto, em Feira de Santana-Ba. Por um período de quatro meses, nos quais foi possível constatar que os alunos que chegam ao 6º ano do ensino fundamental II, apresentam grandes dificuldades em ler e escrever. No entanto, os professores de História muitas vezes não sabem lidar com esses problemas.

DIFICULDADES DOS ALUNOS EM LER E ESCREVER

Em uma das aulas observadas na escola Estadual José Ferreira Pinto, presenciou-se uma recuperação paralela realizada com quatro alunos do 6º ano, com idades entre 12 e 14 anos. A prova era composta de questões fechadas e apenas uma questão aberta. Dentre os quatro alunos que fizeram avaliação, apenas um aluno tentou responder a questão aberta, porém, o que ele respondeu não correspondia ao que pedia a questão. Além disso, sua escrita era quase indecifrável, com erros ortográficos e gramaticais incoerentes. Isto comprova o que já foi mencionado anteriormente, que os alunos chegam ao 6º ano do ensino fundamental II, com uma deficiência muito elevada na leitura e na escrita, logo na interpretação.

Em 2002, uma pesquisa realizada pela ONU (organizações das Nações Unidas) constatou que os estudantes brasileiros dispõem de um baixo nível de leitura, pois ficou na 37º colocação, uma vez que os testes foram aplicados em 41 países. (CAIMI: 2006:19).

De acordo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) do ensino fundamental, os alunos devem chegar ao 6º ano com um nível de criticidade que o ajudem a compreender o contexto histórico, realizando questionamentos e com domínio de noção de tempo (PCNs, 1998: 55-56). Porém, um aluno que mal sabe ler e escrever não tem condições de desenvolver reflexões crítica a respeito de determinados conteúdos, uma vez que a escrita é um fator que

se faz necessário para a aprendizagem nas séries inseridas no ensino fundamental. (ROCHA, 2010: 126).

A partir das observações feitas, ficou visível ainda que as dificuldades apresentadas pelos alunos com relação à leitura são ignoradas pelos professores de história. Ao fazer uma introdução do que iria tratar a aula do dia, a professora pede para que os alunos abram o livro didático no capítulo relacionado ao assunto, Grécia, e aponta para que uma aluna leia. A aluna embora demonstrasse bastante interesse, ela foi comprovando no decorrer da leitura grande dificuldade. No entanto, como se não percebesse essa deficiência da aluna, a professora prossegue a aula solicitando que os alunos a partir do assunto desenvolvam questões com respostas.

FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE

Ensinar história tem sido um desafio e preocupação para todo o professor de história. De um lado há queixas por parte dos professores que alegam falta de interesse e de motivação dos alunos para aprenderem os conteúdos de História. Do outro lado os alunos reclamam que história é uma matéria chata e que não querem estudar o passado e “nem quem já morreu”.

Durante a graduação os futuros professores não são preparados para as possíveis situações que poderão encontrar. Isso pode ocasionar um grande problema, pois não sabendo lidar com as dificuldades, as mesmas tendem a crescer. Corroborando com essa ideia Martins afirma que

O conhecimento histórico é construído e transmitido em grande parte, através da leitura e escrita, seja em que nível for. E quando nossos alunos possuem deficiências na leitura e escrita, percebemos o grande desafio que está a nossa frente. Se não temos o preparo adequado para tais desafios – e temos que busca-lo no decorrer do processo- as dificuldades crescem ainda mais. (MARTINS, 2012: 767).

Sabemos que a escola é um espaço de construção do conhecimento, no qual o processo de ensino e aprendizagem deve possibilitar ao aluno construir suas ideologias, e nesse processo cabe ao professor se questionar de que forma o educando irá “internalizar” aquilo que o professor apreendeu na academia.

Vê-se que muitos professores perderam o apreço pela profissão e isso tem se manifestado de diversas formas, a exemplo das dificuldades de ensinar história dentro de um contexto no qual os alunos mal sabem interpretar e responder o que lêem. No entanto, os professores de história não buscam nem inovação, nem qualidade no ensino que visem melhorar tais problemas, e a isenção a essas buscas tem ocasionado aulas com mera reprodução de conhecimento, apenas transmitem os conteúdos que lhes postos no currículo e nos livros didáticos.

O professor continua ainda sendo visto como o detentor do saber, ou seja, aquele que detém a verdade absoluta. Não mostram para seus alunos que os assuntos postos nos livros didáticos e tratados na aula, são apenas um olhar de um historiador lançado sobre um tema em uma determinada época e que, assim sendo, essa visão pode ser desconstruída por outro historiador.

Como já mencionado, devido a dificuldade de ensinar história, por diversos fatores, muitos professores atribuem a culpa aos alunos sob a justificativa de que eles não sabem ler, não se interessam, não querem nada. Diante desse fator os professores não param para analisar onde está o problema e de que forma pode ser solucionado.

Acredita-se que as dificuldades de aprendizagem dos alunos devam ser analisadas por dois ângulos: com relação à realidade externa e interna do aluno, de forma que venha a compreender o que tem ocasionado essa dificuldade.

Os alunos que chegam a escola geralmente são marcados pela desigualdade social, muitos trabalham para garantir a sobrevivência, vêm a escola apenas como o lugar do diálogo e do passatempo, o lugar que pode garanti-los um certificado de conclusão para que assim consigam uma vaga no tão competitivo mercado de trabalho. Corroborando com essa ideia Dayrell aponta que

[...] os alunos já chegam à escola com um acúmulo de experiências vivenciados em múltiplos espaços, através das quais podem elaborar uma cultura própria, uns 'óculos' pelo qual vêm, sentem e atribuem sentido e significado ao mundo, à realidade onde se inserem. O tratamento uniforme dado pela escola só vem a consagrar a desigualdade e as injustiças das origens sociais dos alunos. (DAYRELL, 1996:140).

Tratar os alunos de forma homogênea é como se contribuíssemos para sua exclusão, haja vista que nos deparamos com um cenário altamente diversificado, classe social, sexo e idade, ou seja, cada aluno tem uma singularidade, formas de vidas diferentes e ritmos de aprendizagem diferentes. Portanto, deve-se buscar entendê-los de forma individualizada, ainda com Dayrell:

Trata-se de compreendê-lo na sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhes são próprios. O que cada um deles é ao chegar a escola é fruto de um conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes espaços sociais. (DAIRELL, 1996:140).

Pois bem, a maneira que o currículo escolar encontra-se estruturado permitiu perceber que ele é um dos fatores que possivelmente contribuem para o descaso na educação, principalmente nas aulas de história. Pressionados pelo currículo e preocupados em dar conta dos conteúdos propostos, os professores reproduzem o que os especialistas produziram, não se atentando em como os alunos estão aprendendo, ou melhor, se estão aprendendo e quais as dificuldades que esses alunos apresentam.

Ao fazer a leitura do plano de unidade proposto na escola para se trabalhar com os alunos do 6º ano, constatou-se que as aulas de história ainda se apresentam com caráter conteudista, na medida em que se tem cinco civilizações para trabalhar em apenas uma unidade: Civilização Mesopotâmica, Civilização Egípcia, Hebreus, Fenícios e Persas.

Percebendo as dificuldades apresentadas por seus alunos, como na escrita e na leitura, o professor de história muitas vezes fica de “mão atadas”, por não saber se “alfabetiza” esses alunos ou se “dá” os conteúdos apenas para cumprir com o currículo escolar. Na maioria das vezes o que acontece é a segunda opção, isto é, os conteúdos são empurrados para os alunos na esperança que os mesmo apreendam alguma coisa do assunto.

Porém, é preciso ressaltar que de acordo com os PCNs de história do ensino fundamental, os temas apresentados para o terceiro ciclo não precisam necessariamente ser trabalhados na sua totalidade. O professor por sua vez pode selecionar temas a partir do diagnóstico que fizer dos alunos em relação ao domínio de conteúdos. (PCNs: 1998:55-56).

Contudo, na maioria das vezes não é isso que acontece. Os professores em busca de trabalhar todo conteúdo do livro didático e as propostas do currículo acabam atropelando e empurrando os conteúdos para os alunos pouco se importando com a forma pela qual os mesmos estão assimilando, ou melhor, se estão assimilando.

Em algumas aulas de História observada, foi possível perceber que a capacidade intelectual do aluno não era estimulada. Em geral, as aulas aconteciam da forma tradicional: leitura do livro didático, seguida de uma breve explicação, na qual o aluno deveria absorver aquilo que estava sendo transmitido pelo professor, ou por meio de aula expositiva, na qual o docente utilizava o quadro para anotar o esquema a ser explicado para os alunos. Dessa forma ficou visível que o processo de ensino e aprendizagem tem se caracterizado mais pelo processo de memorização, por não ser dada uma oportunidade dos alunos trabalharem e até mesmo estimularem sua criticidade.

Em todo o período de observação na escola, apenas uma aula aproximou os alunos do conteúdo trabalhado na classe, que foi a aula sobre a China. Em uma das aulas o professor utilizou o livro didático, pois se fazia necessário. Para tanto, o professor apresentou várias informações sobre o país e solicitou aos alunos que pesquisassem mais sobre a China. Na aula seguinte, uma professora da mesma instituição de ensino apresentou aos alunos os diferentes materiais utilizados pelos chineses, a exemplo de um tipo de erva medicinal. Dentro da apresentação os alunos perguntavam, olhavam curiosamente, principalmente quando foi realizada uma pequena demonstração de acupuntura.

Diante desse fato, foi possível constatar que as aulas de história precisam de mudanças, talvez seja a hora dos profissionais de educação se perguntarem o que os alunos precisam aprender e não o que eles precisam saber, buscar meios nos quais a história se torne interessante para os alunos, transformando-os em sujeitos desalienados e cidadãos consciente

Sabe-se existe todo um processo de regras, mais que podem ser repensadas pra um bem social, pois a escola tem por função, também, formar cidadão para um ambiente fora dela, e não criar máquinas que devem passar em um vestibular ou algo do tipo. Porém, percebe-se que há uma preocupação mais com a quantidade de informações que estão sendo adquiridas pelos alunos do que com o desenvolvimento deste.

Fala-se muito em mudança no ensino de história, em renovação, porém é preciso tomar muito cuidado com novas metodologias, pois nem sempre o novo é bom, e conseqüentemente não resolverá por si só os problemas presente no processo de ensino-aprendizagem, como as dificuldades de leitura e formação dos professores. Sendo assim Martins nos adverte que

As tentativas de mudanças, as inovações, as novas formas de lecionar a História, esbarram nas grandes deficiências de leitura e escrita de nossos alunos. Se as formas tradicionais de ensino não dão mais certo (ou nunca deram), inovações também não darão (e não dão) devido a essas deficiências. (MARTINS, 2012:772).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo nos permitiu perceber que o professor pode contribuir ou não para a superação das dificuldades dos alunos em sala de aula. Portanto, é necessária a conscientização de que a leitura e a escrita não é tarefa a ser trabalhada apenas pelo professor de Português, mas que ambas devem ser planejadas como atividades diárias, presentes em todas as áreas do conhecimento, inclusive nas aulas de história.

Sabe-se que um bom professor embora imbuído de diversos problemas, tais quais já conhecemos, como a baixa remuneração, a “enturmação”, ou melhor, as super lotações nas salas de aula, dentre outros, ele deve sim almejar mudanças no ensino.

É necessário que o professor crie situações pra que o aluno desconstrua a ideia de que o professor é o detentor do saber, aquele que só transmite conteúdos, mas que o educando se convença que o professor é um mediador que deve orientar o processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, Cerri salienta que “O ensino de História, portanto, não é dar algo a quem não tem, não é dar saber ao ignorante, mas é gerenciar o fenômeno pelo qual saberes históricos são colocados em relação, ampliados, escolhidos e modificados”. (CERRI, 2009:154).

Ao solicitar a leitura de um determinado assunto em história, o professor deve ser o mediador para que essa leitura aconteça, auxiliando nas dificuldades apresentadas pelos alunos. É viável também que o professor oriente para que essa leitura venha ser feita de forma

crítica, buscando revelar os estigmas e estereótipos criados em torno da história e da sua escrita.

A partir dos problemas postos e das dificuldades dos professores em lidar com eles, o desafio se volta agora para nós, estudantes do curso de Licenciatura em História, ou seja, futuros docentes. Assim, propõe-se buscar novos conhecimentos a fim de contribuir para a resolução de tais problemas.

REFERÊNCIAS

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história** /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998. 108 p.

CAIMI, F. E. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF, v. 11, p. 27-42, 2006.

CERRI, L.F. Ensino de História e concepções historiográficas. **Espaço Plural** (Unioeste), v. X, p. 149-154, 2009.

DAYREL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In _____. **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.p. 136-161.

FONSECA, Thais Nívea de Lima e. **História e ensino de história**. 2. Ed., 1reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARTINS, R. F. R. Os desafios do ensino-aprendizagem de história nos anos finais do ensino fundamental da rede pública: limitações de formação dos professores e deficiências de leitura e escrita dos alunos. **Aedos**: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online), v. 4, p. 766-782, 2012.

ROCHA, Helenice. A escrita como condição para o ensino e a aprendizagem de história. **Revista Brasileira de História** (Impresso), v. 30, p. 121-142, 2010.